

INTRODUÇÃO À LEITURA FEMINISTA DA POESIA ROMÂNTICA PORTUGUESA

Henrique Marques Samyn (UERJ)

marquessamyn@gmail.com

Lina Arao (UFRJ)

lina_arao@hotmail.com

RESUMO

Quando analisado em perspectiva feminista, o texto literário pode revelar aspectos suscitadores de interpretações profícuas e renovadoras. Entre as questões propostas ao texto a partir dessa abordagem, podem-se destacar: a busca pela posição ocupada pelo autor ou pela autora no contexto epocal das relações de gênero, considerando-se que essa posição afeta a própria produção literária; o questionamento pela forma como no texto se representam masculinidades e feminilidades, considerando-se as particularidades e implicações políticas desse modo de representação; e a investigação por possíveis relações que se estabelecem entre o texto e o público a que se destina, na medida em que aquele reforça ou contesta o lugar prescrito para homens e mulheres no espaço cultural em que se inscreve. Nesta oficina, apresentaremos algumas estratégias para a abordagem feminista do texto literário, tomando por objeto um *corpus* constituído por produções poéticas circunscritas ao período romântico da literatura portuguesa.

Palavras-chave: Leitura. Feminismo. Poesia romântica. Texto literário

1. Fundamentos teóricos

1.1. Feminismo e crítica literária feminista: algumas perspectivas

O feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar somente qualquer grupo específico de mulheres, qualquer raça ou classe particular de mulheres. Ele não privilegia mulheres sobre homens. Ele tem o poder de transformar de uma forma significativa todas as nossas vidas. (HOOKS, 2000, p. 28; tradução nossa)

Assim como os próprios feminismos são o trabalho de grupos amplamente divergentes de mulheres (e homens), incluindo mulheres que se opõem umas às outras politicamente, trabalham em diferentes tradições nacionais e interstícios transnacionais, e encaram desafios sociais e políticos divergentes, também as teorias literárias feministas emergem em contextos múltiplos, contraditórios, mesmo opostos. O esforço mais sincero e bem-intencionado para representar a heterogeneidade do feminismo por meio de listas inclusivas e exemplos expandidos pode apenas adiar o inevitável momento de arriscar generalizações e testar seus efeitos. Sempre que propomos qualquer definição, quando empreendemos a imposição de um nome, a instituição de alguma identidade ou qualquer conceito, nós devemos articular alguma forma de exclusão; a identidade, mesmo em suas formas mais móveis e flexíveis, emerge da diferença. (ROONEY, 2006, p. 10; tradução nossa)

Nos círculos críticos literários, a crítica pré-feminista ou 'tradicional' foi alvo de ataques por sua cegueira para o gênero. Abordagens tradicionais do texto assumem que os textos não são generificados, que 'grandes' obras literárias expressam verdades atemporais e imutáveis e não são afetadas por questões tão mundanas como o sexo. Feministas denunciam que esse tipo de abordagem institucionaliza preconceitos masculinos por recusar-se a reconhecer que 'grandes' obras literárias muitas vezes endossam interesses e valores masculinos. (MADSEN, 2000, p. 15; tradução nossa)

1.2. A mulher na sociedade romântica

Compreende-se melhor, então, por que as mulheres se manifestaram pouco durante a Revolução. Eram prisioneiras de um modelo que as encerrava em casa e lhes proibia a ação pública. Aquelas que não se submeteram pagaram caro. Realizaram tarde demais que era difícil – talvez impossível – ter acesso à igualdade quando se está encerrado numa determinada especificidade. Olympe de Gouges podia bem insurgir-se e proclamar uma soberba declaração dos direitos da mulher: suas semelhantes eram incapazes de apreender o que estava em jogo. Será preciso mais de um século para que elas comecem a compreender que tinham sido ludibriadas. (BADINTER, 1991, p. 24-25)

O próprio romantismo ajudou a forjar este tipo feminino, ao construir uma imagem de mulher simultaneamente idealizada e insignificante: a mulher *frágil*, cujo charme reside precisamente na sua vulnerabilidade; a mulher espartilhada em termos físicos ou morais, posta ao abrigo dos perigos exteriores, virginal e ignorante, cujos conhecimentos se deviam reduzir às artes de bem receber e às 'prendas domésticas': labores, um pouco de francês, de piano e de canto. Apenas o necessário para animar os salões ou os saraus familiares. (VAQUINHAS, 2000, p. 24-25)

2. Textos para análise

2.1. Almeida Garrett (1799-1854)

<p style="text-align: center;">Rosa sem espinhos</p> <p>Para todos tens carinhos, A ninguém mostras rigor! Que rosa és tu sem espinhos? Ai, que não te entendo, flor!</p> <p>Se a borboleta vaidosa A desdém te vai beijar, O mais que lhe fazes, rosa, É sorrir e é corar.</p> <p>E quando a sonsa da abelha, Tão modesta em seu zumbir, Te diz: –”Ó rosa vermelha, “Bem me podes acudir:</p>	<p>“Deixa do cálix divino “Uma gota só libar... “Deixa, é néctar peregrino, “Mel que eu não sei fabricar...»</p> <p>Tu de lástima rendida, De maldita compaixão, Tu à súplica atrevida Sabes tu dizer que não?</p> <p>Tanta lástima e carinhos, Tanto dó, nenhum rigor! És rosa e não tens espinhos! Ai! que não te entendo, flor.</p>
---	--

2.2. Maria Browne (1797-1861)

<p style="text-align: center;">O inverno</p> <p>Inverno, estação da morte, Do luto da natureza, Como em tí, em mim só reina Agitação e tristeza.</p> <p>De tí as aves se afastam; De mim os risos, e as graças! Ventos contrários te agitam; A mim constantes desgraças!</p> <p>No teu seio desabrido Do fruto não vinga a flor; No meu peito amargurado Não dura a ilusão d'amor!</p>	<p>Prende o gelo as tuas fontes, Veda-me o pranto a opressão! As fontes dão vida aos prados; Pranto alívio ao coração!</p> <p>A sombria atmosfera Não encobre o teu rigor; O enganoso sorriso Não oculta a minha dor!</p> <p>Mas tu passas... vês seguir-te A linda estação das flores... Eu vivo, em quadra constante, Vida só de dissabores!</p>
---	--

<p style="text-align: center;">Adeus à lira</p> <p>Triste lira que adoçaste Da minha dor a agonia, Quando as vozes me guiaste Nos caminhos d'harmonia, Convertendo amargo pranto Em sentido e doce canto, Que me dava alento assim: “Desgraçada! Porque choras? “Não vês tu voar as horas “Que te levam ao teu fim?»</p> <p>E quando, na solidão Das longas noites d'Inverno, No delírio da aflição Pedia a morte ao Eterno. As tuas cordas soltavam Magos sons que me encantavam, E em meu peito adormecia A dor que o punge latente, Sempre mais cruel e ardente Depois que lhe fuge o dia.</p> <p>Foste um anjo à minha sorte, Saudosa lira querida, Que me salvaste da morte Fazendo esquecer a vida. Essa vida negativa, Em que, orgulhosa e cativa, A mulher entre esplendores Se ostenta iludindo o mundo, Enquanto d'alma no fundo Está sofrendo atrozes dores.</p>	<p>Nunca mais do meu porvir Presságios do coração Hás-de comigo carpir Em convulsiva expressão, Qual a Sibila inspirada Sobre a trípole sentada; Nem do passado a saudade Hás-de comigo chorar, Qual níveo cisne ao expirar D'Eurotas na soledade.</p> <p>Mas tudo é força perder Antes de perder a vida; Esta alma devo ter Numa rocha convertida, Que é muda... mas soberana; Que é dura... mas não tirana; Sinto o pranto... Choro... Adeus, Extremo alívio de meus ais! Ah! Ninguém ouvirá mais Nem teus sons, nem cantos meus!</p>
--	---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA GARRETT, J. B. da S. L. de. *Folhas caídas*. Introdução de José Gomes Ferreira. Lisboa: Portugália, 1969.
- BADINTER, Elisabeth. Prefácio. In: _____. (Org.). *Palavras de homens (1790-1793)*. Trad.: Maria Helena F. Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- HOOKS, Bell. *Feminist Theory: from margin to center*. 2. ed. Londres: Pluto Press, 2000.
- MADSEN, Deborah L. *Feminist Theory and Literary Practice*. Londres: Pluto Press, 2000.
- BROWNE, Maria. In: COELHO, Jacinto do Prado (seleção, introdução e notas). *Poetas do Romantismo*, vol. I. Lisboa: Clássica, 1965.
- ROONEY, Ellen. Introduction. In: _____. (Ed.). *The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- VAQUINHAS, Irene. “*Senhoras e mulheres*” na sociedade portuguesa do século XIX. Lisboa: Colibri, 2000.

Disponível emdo século XIX. Lisboa: Edições Colibri, 2000.